



**JAQUELINE APARECIDA DE ASSIS
MARILDA PLACIDINO DA SILVA**

**SAÚDE E EDUCAÇÃO: a importância do
Trabalho do Pedagogo na Instituição Hospitalar**

**SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO
2017**

**JAQUELINE APARECIDA DE ASSIS
MARILDA PLACIDINO DA SILVA**

**SAÚDE E EDUCAÇÃO: a importância do
Trabalho do Pedagogo na Instituição Hospitalar**

Trabalho apresentado à Faculdade Calafiori de São
Sebastião do Paraíso - MG, como requisito parcial
para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Me. Cláudio Manoel Person

**SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO
2017**

FOLHA DE AVALIAÇÃO

SAÚDE E EDUCAÇÃO: a importância do Trabalho do Pedagogo na Instituição Hospitalar

CURSO DE PEDAGOGIA

AVALIAÇÃO ()

Professor Orientador: Prof. Me. Cláudio Manoel Person

Professor Avaliador 1: Prof. Me. César Clemente

Professor Avaliador 2: Profa. Me. Marília de Souza Neves

**SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO
2017**

A todos os professores do curso, ao orientador do trabalho, e aos familiares, amigos, e a todos aqueles que de certa forma contribuíram para a realização desse Trabalho de Conclusão de Curso.

AGRADECIMENTOS

A Deus por nos dado saúde e força para superar as dificuldades. A esta faculdade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje percebemos um horizonte superior, temos confiança no mérito e ética aqui presentes. Ao nosso orientador Professor Mestre Cláudio Manoel Person, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos. Aos meus pais, pelo amor, incentivo e apoio incondicional. E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da nossa formação, o nosso muito obrigado.

Hospital é a parte integrante de uma organização médica e social, cuja função básica consiste em proporcionar à população assistência médica integral, curativa e preventiva, sob quaisquer regimes de atendimento, inclusive o domiciliar, constituindo-se também em centro de educação, capacitação de recursos humanos e de pesquisas, em saúde, bem como de encaminhamento de pacientes, cabendo-lhe supervisionar e orientar os estabelecimentos de saúde a ele vinculados tecnicamente (BRASIL, 1977).

RESUMO

Essa pesquisa tem como objetivo compreender a Pedagogia Hospitalar como uma proposta diferenciada, propondo-se a construir conhecimentos e contextos de aprendizagem que contribuam para a formação do professor e o bem-estar da criança internada. A justificativa da escolha do tema se deu pelo fato de que muitas crianças e adolescentes perdem conteúdos escolares quando se encontram doentes muitas vezes até perdem o ano letivo, bem como da busca de conhecimentos teóricos e científicos para a formação e atuação do pedagogo na continuidade do ensino escolar à criança hospitalizada, uma vez que se trata de uma atuação diferenciada onde as condições de aprendizagem fogem à rotina escolar. O trabalho aborda a importância da inclusão educacional para as crianças que necessitam de um atendimento diferenciado, necessário pensar no profissional que atua nesse processo. Apresenta a educação em seu conceito ampliado para compreender os sujeitos envolvidos, o meio onde ocorre. Com respaldo de referências teóricas, o trabalho esclarece o percurso desta área educacional no Brasil, as Bases Legais que norteiam a temática, relações dos pedagogos hospitalares com as crianças incluindo pesquisas na área ou relativas à legislação específica da classe hospitalar, enfatizando seu caráter educacional e lúdico e oportunizando a continuidade da aprendizagem das crianças-pacientes. A pesquisa tipifica como a Pedagogia Hospitalar torna-se fundamental para a vida das crianças que estão internadas em cada atendimento, seja no leito hospitalar ou na própria sala especializada para o atendimento escolar, os pedagogos se deparam com situações novas e atípicas tendo sempre que estar preparadas para interagir com elas.

Palavras-chave: Pedagogia Hospitalar; Crianças; Educação.

ABSTRACT

This research aims to understand Hospital Pedagogy as a differentiated proposal, proposing to build knowledge and learning contexts that contribute to teacher training and the well-being of hospitalized children. With the support of theoretical references, the work clarifies the course of this educational area in Brazil, the Legal Bases that guide the theme, the relations of the hospital educators with the children including research in the area or related to the specific legislation of the hospital class, emphasizing its educational and playful and facilitating the continuity of children-patient learning. The research typifies how Pedagogia Hospital is fundamental for the life of the children who are hospitalized in each care, either in the hospital bed or in the specialized room itself for the school attendance, the pedagogues are faced with new and atypical situations having to be prepared to interact with them.

Key words: Hospital Pedagogy; Children; Education.

LISTA DE SIGLAS

CEB – Câmara de Educação Básica

CEE – Conselho Estadual de Educação

CNDCA – Conferência Nacional do Direito da Criança e do Adolescente

CNE – Conselho Nacional de Educação

C.N.E.F.E.I. – Centro Nacional de Estudos e de Formação para a Infância inadaptadas de SURESNES

CONANDA – Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PNHAH – Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar

PRONAICA – Programa Nacional de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente

SEDUC – Secretaria de Estado de Educação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 EDUCAÇÃO E PEDAGOGIA HOSPITALAR	13
1.1 A EDUCAÇÃO	13
1.2 PEDAGOGIA	14
1.3 HISTÓRIA DA PEDAGOGIA HOSPITALAR	17
2 NORMAS LEGAIS E PLANEJAMENTO CURRICULAR DA PEDAGOGIA HOSPITALAR.....	23
2.1 NORMAS LEGAIS DA PEDAGOGIA HOSPITALAR.....	23
A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO	26
2.3 PLANEJAMENTO CURRICULAR DA PEDAGOGIA HOSPITALAR.....	29
2.4 ARTIGOS E TESES	31
3 ATUAÇÃO DO PEDAGOGO NO AMBIENTE HOSPITALAR	39
3.1 O PEDAGOGO DENTRO DO HOSPITAL	39
3.2 A HUMANIZAÇÃO DO PEDAGOGO HOSPITALAR	42
3.3 DESAFIOS DA PEDAGOGIA HOSPITALAR.....	44
CONSIDERAÇÕES	47
REFERÊNCIAS	48

INTRODUÇÃO

Jaqueline Aparecida de Assis estudei no Pré-Escolar na Escola Municipal Padre Paulo Expedito de Souza, no Ensino Fundamental I e ensino Fundamental II na Escola Municipal Carvalhães de Paiva e 2º grau na Escola Estadual Professora Maria Leonor Nasser ano de 2013 terminei o 3º ano do Colégio, prestei vestibular no final desse ano para Pedagogia passei, em 2014 entrei na Faculdade Calafiori. Em 2015 consegui estágio remunerado pela prefeitura de Jacuí na creche, estagiando com crianças de 4, 5 e 6 anos. Em 2016 consegui estágio novamente em sala de aula dividindo o horário em duas salas, uma de 2º ano e a outra de 4º ano auxiliando crianças com necessidades especiais. No ano de 2017 fiz o processo seletivo e entrevista com a Secretária da Educação e Psicóloga para o estágio remunerado, passei e ingressei no estágio da Educação Infantil. Com o conhecimento que adquiri durante os estágios percebi que mesmo quando as crianças ficam doentes e se ausentam da aula por motivos de saúde, necessitam de estudos durante esse período, sendo assim o tema que escolhi me fez pesquisar sobre a importância do pedagogo no ambiente hospitalar.

Marilda Placidino da Silva, nasci em 13 de outubro de 1979. Sou natural de Brodowski (SP), filha de pai agricultor e mãe dona de casa e tenho um irmão 7 anos mais velho. Em 1986 iniciei a pré-escola na Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau Coronel José Aleixo da Silva Passos. Em 1988 nesta mesma escola fiz um curso de informática. Em 1999 iniciei o curso de auxiliar de enfermagem no Centro de Desenvolvimento Profissional José Gomes da Silva- SENAC em Ribeirão Preto (SP). Em 2001 iniciei o curso de Comissária de voo no Aeroclube de Ribeirão Preto (SP) realizando também sobrevivência na selva e no mar com término em 2002. Em 2006 iniciei o curso de Técnico em Enfermagem no colégio Projeção com término em 2007. Em 2012 fiz os cursos de Auxiliar Administrativo e Auxiliar de Farmácia, dentre tantos outros cursos que fiz relacionados ao trabalho. Em 2014 ingressei na Faculdade Calafiori em São Sebastião do Paraíso (MG). Na mesma época fui chamada pelo então prefeito de Santo Antônio da Alegria (SP) para trabalhar como estagiária na Creche da cidade e em 2015 na Biblioteca da Escola de Educação Básica. Realizei diversos estágios curriculares e acumulei uma trajetória de 17 anos de trabalho na área da saúde. Apaixonada pela educação e saúde vi a Pedagogia Hospitalar como uma área de atuação importantíssima no âmbito da educação.

A justificativa da escolha do tema em questão deu-se pelo fato de que muitas crianças e adolescentes perdem conteúdos escolares quando se encontram doentes sendo que pode até comprometer o ano letivo. Assim sendo o Pedagogo Hospitalar é o profissional habilitado para atuação neste contexto e assim levar a educação onde quer que o aluno esteja.

Segundo Silva e Menezes (2005, p. 30) “[...] deverá levar em conta, para a escolha do tema, sua atualidade e relevância, seu conhecimento a respeito, sua preferência e sua opinião para lidar com o tema escolhido”.

Silva e Menezes (2005, p. 20) descrevem como básica a pesquisa que “objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais”.

Logo, o presente trabalho tratou a importância do Pedagogo Hospitalar para as crianças e adolescentes que se encontram em situações de enfermidades e que também precisam continuar seus estudos. Para tal realizamos uma breve explanação do que é educação, o conceito de pedagogia e a história da Pedagogia Hospitalar.

Apresentado as partes básicas do trabalho passa-se a uma apresentação mais detalhada do tema. A fundamentação legal que rege a Pedagogia Hospitalar que é considerável para o entendimento do tema. Pesquisou-se a formação do pedagogo e como deve ser o planejamento curricular da Pedagogia Hospitalar, pois este planejamento deve ser para atender as necessidades do educando.

O trabalho buscou apresentar a atuação do pedagogo dentro do ambiente hospitalar os desafios encontrados dentro do hospital, os desafios diários encontrados para poderem exercer seu trabalho. Além de apresentar a humanização e o quanto ela é fundamental para o Pedagogo Hospitalar.

A metodologia utilizada foi a abordagem qualitativa com breve incursão em campo feita com um profissional da área de Pedagogia Hospitalar e com duas pessoas. Neste período 12 crianças passaram em classe hospitalar. Foi realizada também uma revisão bibliográfica do tema com propósito de fundamentar o trabalho.

Minayo destaca que:

Na pesquisa qualitativa, o importante é a objetivação, pois durante a investigação científica é preciso reconhecer a complexidade do objeto de estudo, rever criticamente as teorias sobre o tema, estabelecer conceitos e teorias relevantes, usar técnicas de coleta de dados adequadas e, por fim, analisar todo o material de forma específica e contextualizada. Para a referida autora, a objetivação contribui para

afastar a incursão excessiva de juízos de valor na pesquisa: são os métodos e técnicas adequados que permitem a produção de conhecimento aceitável e reconhecido. (MINAYO, 2008, pag. 44)

Quando se analisa o objeto de estudo, seus objetivos e as aplicações do método qualitativo:

O método qualitativo é adequado aos estudos da história, das representações e crenças, das relações, das percepções e opiniões, ou seja, dos produtos das interpretações que os humanos fazem durante suas vidas, da forma como constroem seus artefatos materiais e a si mesmos, sentem e pensam. (MINAYO, 2008, p.57).

A pesquisa é valorosa para mostrar o quão indispensável é o Pedagogo Hospitalar, e que não é tão simples o trabalho desenvolvido por eles. Além disso é importante que a sociedade tenha consciência sobre a importância desse profissional e oferecer-lhe melhores condições de trabalho.

1 EDUCAÇÃO E PEDAGOGIA HOSPITALAR

Este primeiro capítulo tem como objetivo falar sobre o conceito de educação, pedagogia e saúde e qual a ligação que os dois podem ter dentro de um ambiente hospitalar.

Qual a importância para os pacientes da ala infantil que precisam ser alfabetizados e sem perder o estímulo escolar encontrando-se hospitalizados. Devido a isso é relevante que os pedagogos se especializem também no acompanhamento dessas crianças que na maioria das vezes além da doença, trazem um psicológico a ser trabalhado.

1.1 A EDUCAÇÃO

Ninguém escapa da educação, em vários ambientes ela está presente, seja em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos momentos da vida com ela para aprender, para ensinar, para aprender-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Ao viver em comunidade, passa-se o conhecimento das tradições e costumes de um determinado povo, bem como as condutas e regras sociais e nessa transmissão de conhecimentos, é possível identificar os processos sociais de aprendizagem.” Brandão (1995),

Freire (1996) afirma que ensinar não se restringe apenas a transferir conhecimento, mas o educador deve comprometer-se a criar possibilidades para a construção ou para produção do saber deste conhecimento. Ainda na relação do processo da formação entre discência e docência, deixa claro que “embora diferentes entre si, quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma o ser formado” (FREIRE, 1996, p.23), estabelecendo com isso a visão de homem e mundo.

Os conceitos que tentam definir a educação são amplos e diversificados, ou seja, a educação, para que ela acontece e onde ocorre. Sendo profissionais da área ou não, sejam eles professores, coordenadores pedagógicos, diretores de instituição, pedagogos, sociólogos ou filósofos e diversos outros profissionais, são muitos os que despertam interesse pelo tema.

Os profissionais de pedagogia que optaram pela pesquisa sobre Educação, definem a educação como “uma parte do modo de vida de outros grupos sociais que a criam e recriam entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade” (BRANDÃO, p.10, 1995).

Para identificar que a educação vai além dos espaços formais e limitados das instituições, Brandão (1995) estabelece que a mesma não se limite ao que é “oficial”, “programado”, “tecnocrático”, é como um exemplo de “arma” ou sistema político que pode ser usada contra os regimes fechados de uma sociedade individualista onde a educação opressora é utilizada para oprimir os menos favorecidos, constituindo a classe de trabalhadores e assalariados.

O que se pode ver é que a Secretaria da educação já apresenta os conteúdos prontos para serem seguidos, por isso o resultado é que os alunos de escolas públicas com menos acesso aos conteúdos ao ser comparado com os de escolas de ensino particular. A educação hospitalar visa que esse quadro de desigualdade não aconteça com as crianças que precisam de um atendimento e de uma educação especial.

1.2 PEDAGOGIA

Definir o conceito de pedagogia pode ser bem amplo, visto que vários autores abordam o tema de uma maneira diferente. Porém para que haja uma maior compreensão do tema é necessário buscar essa definição, e ponderoso salientar que a pedagogia existe nas civilizações desde seus primórdios.

Segundo Saviani desde a Grécia tem-se feito uma dupla referência para o conceito de Pedagogia. O mesmo apresenta uma definição de que a pedagogia se desenvolveu por um lado ligada à filosofia, elaborada em função da ética que guia a atividade educativa, no sentido empírico a pedagogia é entendida como formação para a vida, reforçando o aspecto metodológico presente na etimologia da pedagogia como meio, caminho para a condução da criança. (SAVIANI, 2007.p. 100).

Em Ghiraldelli (1981, p.8) ressalta que: “embora haja essa problemática da utilização da pedagogia como sinônimo de educação, quando desejarmos rigor deve-se adotar uma postura científica.”.

A pedagogia e a Educação caminham lado a lado por isso várias vezes tem se a necessidade de se tomar a postura científica como o autor acima cita, e a pedagogia tem algumas vezes o propósito de realizar educação.

Para Saviani (2007.p 100) a pedagogia se desenvolveu em íntima relação com a prática educativa, constituindo-se como a teoria ou ciência dessa prática sendo, em determinados contextos, identificada com o próprio modo intencional de realizar a educação.

Destaca-se que a pedagogia não pode ser considerada como sinônimo de educação, pois apesar de serem interligadas, não devem ser confundidas ou tratadas como se tratasse da mesma coisa.

Sobre os sinônimos que podemos ser colocados os termos pedagogia e educação, Ghiradelli explana: A Pedagogia literalmente falando tem o significado de condução da criança [...] está ligada diretamente ao ato de condução do saber tendo a preocupação com os meios, com as formas e maneiras de levar o indivíduo ao conhecimento. (1991, p.8).

Os sinônimos apesar de alguns autores apresentarem, não deve ter um destaque na pesquisa, pois a pedagogia tem seu papel fundamental tanto quanto a educação. Apesar de muitas vezes o pedagogo ser também chamado de educador, já que ele que introduz muitas das vezes as crianças ao que é a educação.

Pedagogia é como um campo de estudo com identidade e problemáticas próprias, compreendendo os campos da ação educativa e sua contextualização, tais como o aluno como sujeito do processo de socialização e aprendizagem. Para o autor a “Pedagogia ocupa-se de fatos, dos processos educativos, métodos maneiras de ensinar, com um significado bem mais amplo, bem mais globalizante, compreendendo o processo educação como diretriz orientadora da ação educativa”.(LIBÂNEO, 2001, p.30)

A existência da Pedagogia se justifica pela mesma se responsabilizar pela sistematização das práticas educativas existentes em uma sociedade, considerado estas práticas um processo fundamental das relações humanas, investigando as finalidades e processos necessários às práticas educativas propondo a realização destes processos nos contextos existentes em que as práticas ocorrem.

Garrido (1996, p.13) coloca que se têm considerado Pedagogia como um conjunto de enunciados baseados em outras ciências ou em uma filosofia, porém em sua história a pedagogia encontra-se o centro de sua definição: a reflexão sobre a prática educativa por meio das Ciências Sociais e Humanas delimitando o ser do ato educativo.

Ainda sobre a definição de Pedagogia, Libâneo diz:

A Pedagogia é uma área de conhecimento que investiga a realidade educativa no geral e no particular, mediante conhecimentos científicos, filosóficos e técnicos profissionais buscando explicitação de objetivos e formas de intervenção metodológicas e organizativas em instâncias da atividade educativa implicada no processo de transmissão/ apropriação ativa de saberes e modo de ação. (2001, p. 44)

Diante da breve explanação do que é a pedagogia já percebe que a Pedagogia busca a sistematização da educação, procurando inovar os processos de educação nos mais variados contextos, inclusive no contexto hospitalar que será abordado mais adiante que trata do tema do presente trabalho.

“Garrido (1996, p.13) coloca que se têm considerado Pedagogia como um conjunto de enunciados baseados em outras ciências ou em uma filosofia, porém em sua história a pedagogia encontra-se o centro de sua definição: a reflexão sobre a prática educativa por meio das Ciências Sociais e Humanas delimitando o ser do ato educativo.”

“A Pedagogia como Ciência da Educação, e a Educação enquanto prática social desconstrói o caráter utópico entendido como intencionalidade na investigação, diferentemente das demais Ciências Humanas. (GARRIDO, 1996, p. 49)”.

A Pedagogia tem ganhado cada vez mais espaço dentro da educação. Pois educação e pedagogia têm o mesmo objetivo qual sejam o desenvolvimento humano e a transformação social, objetivam alterar o modo de pensar das pessoas e assim alterar suas relações sociais.

Para Libâneo (2001, p. 23) o campo educativo é bastante amplo ocorrendo em vários lugares, apresentando diversas modalidades e práticas educativas. Ele cita a existência de diversas modalidades e práticas educativas. Torna-se necessário citá-las e distingui-las:

Educação Informal corresponderia a ações e influências exercidas pelo meio, pelo ambiente sociocultural, e que se desenvolve por meio das relações dos indivíduos e grupos com seu ambiente humano, social, ecológico, físico e natural, das quais resultam conhecimentos, experiências, práticas, mas que não estão ligadas especificamente a uma instituição, nem são intencionais e organizadas. Educação não formal seria a realizada em instituições educativas fora dos marcos institucionais, mas com certo grau de sistematização e estruturação. Educação Formal compreenderia instâncias de formação, escolares ou não, onde há objetivos educativos explícitos e uma ação intencional institucionalizada, estruturada, sistemática. (LIBÂNEO 2001 p.23)

Em Libâneo (2001, p. 24) o autor relata que se “há varias práticas educativas, em muitos lugares e sob variadas modalidades, há, por consequência várias Pedagogia: a pedagogia familiar, a pedagogia sindical, a pedagogia dos meios de comunicação etc., e também a pedagogia escolar”.

Dentre essas modalidades encontra-se a Pedagogia Hospitalar, tema do presente trabalho que será explicada com detalhes em capítulo próprio por ser tratar do assunto principal a ser destacado.

1.3 HISTÓRIA DA PEDAGOGIA HOSPITALAR

A grade curricular de pedagogia proporciona uma visão ampla da educação, oportunizando realização de um trabalho interdisciplinar. Esta formação na perspectiva interdisciplinar oportuniza a atuação também em ambiente não escolar, como em instituição hospitalar, onde o profissional pedagogo pode contribuir para o desenvolvimento das crianças enfermas na continuidade de suas atividades pedagógicas, bem como na recuperação mais rápida de sua saúde. GIL E MORAES (2002, APUD GHIRALDELLI JR., 1991, p. 8).

Pode se observar o quão básico para os envolvidos, a atuação do pedagogo o quanto contribui para o desenvolvimento das crianças e adolescentes que se encontram em situação hospitalar.

A Pedagogia Hospitalar é uma modalidade Pedagogia, “cujo objeto de estudo e dedicação é a criança hospitalizada”. O Pedagogo Hospitalar trabalha aspectos essenciais para

a formação integral da criança, e no ambiente hospitalar, visa contribuir para que a criança enferma possa enfrentar a situação de fragilidade associada ao período de internação, utilizando o lúdico, o que torna o ambiente de internação pediátrica um espaço mais agradável e acolhedor. (SIMANCAS; LORENTE, 1990, p. 35).

A Pedagogia Hospitalar é uma modalidade muito marcante dentro da Pedagogia, pois tem um papel de grande valia, visto que cuida e ensina crianças que estão enfermas e por isso exige uma atenção e dedicação maiores, por isso é indispensável saber onde surgiu antes de começar a abordar o tema a fundo nos próximos capítulos.

Existe uma constante busca por viver de uma forma melhor. E essa busca por viver melhor implica em uma busca por melhores estilos de vida. A Pedagogia Hospitalar tem esse papel de buscar uma qualidade de vida melhor a criança que está enferma. É de grande valia que se aponte que esse ramo da Pedagogia tem uma visão humana, pois visa um tratamento da mente do educando e não apenas uma visão social e física.

O ponto alto do atendimento escolar, através de classe hospitalar, ocorreu durante a “Segunda Guerra Mundial, onde inúmeras crianças e adolescentes em idade escolar foram mutiladas e feridas, o que motivou a permanência delas em hospitais por longos períodos. Diante dessa realidade surge então a classe hospitalar em 1935 em Paris, criada por Henri Sellier, prefeito de Suresnes, no intuito de tentar amenizar as tristes consequências da guerra e oferecer oportunidade às crianças de prosseguir em seus estudos no ambiente hospitalar. E assim com incentivo de médicos, religiosos e voluntários, a classe hospitalar foi conquistando um espaço na sociedade, sendo difundida para vários países, entre os quais se pode citar a Alemanha e os Estados Unidos que aderiram à criação de classe hospitalar com o objetivo de beneficiar crianças tuberculosas que na época eram isoladas do convívio social e impossibilitadas de frequentar a escola. A necessidade era tão grande que uma instituição específica para a formação de professores foi criada em 1939 o C.N.E.F.E.I. Esteves (2008), Fonseca (2008), Paula (2011).

O C.N.E.F.E.I. – Centro Nacional de Estudos e de Formação para a Infância Inadaptadas de Suresnes, tendo como objetivo formação de professores para o trabalho em institutos especiais e em hospitais. Também em 1939 é criado o Cargo de Professor Hospitalar junto ao Ministério da Educação na França. (ESTEVES, 2003, p. 2). O C.N.E.F.E. I é um instituto que existe nos dias atuais, a França apresenta um compromisso em cuidar de suas crianças que além da busca pela cura de suas doenças também precisam ser educadas, e na maioria das vezes são impossibilitadas pelas suas doenças.

Através de pesquisas, SCHILKE (2008, P. 15) esclarece o surgimento da Pedagogia Hospitalar, relatando que no Brasil as primeiras notícias que se tinham sobre aulas para crianças internadas foram no ano de 1950, no Rio de Janeiro, Hospital Municipal de Jesus, porém não tinha vinculação alguma com a Secretaria de Educação. O que aconteceu é que profissionais na área da saúde observaram a necessidade cognitiva que as crianças internadas por longos tempos apresentavam e então começaram a realizar ações educativas por conta própria.

A Pedagogia Hospitalar é o conjunto de ações pedagógicas que beneficiam o aprendizado do aluno que também é paciente, ou seja, uma modalidade está inserida na outra.

Quanto ao profissional pedagogo segundo CALEGARI APUD SIMANCAS E LORENTE (1990), a sua atuação em ambientes clínicos ou hospitalares se faz presente desde 1979 em uma clínica na cidade de Navarra, na Espanha, que pela internação de sua irmã, uma acadêmica de Pedagogia inicia práticas pedagógicas, sendo posteriormente tomadas como exemplos em outras unidades.

O tratamento pedagógico hospitalar teve início na década de 50, na cidade do Rio de Janeiro pelo Hospital Escola Menino Jesus que ainda mantém até hoje as suas atividades às crianças e adolescentes internados.

Ainda segundo, SCHIKE (2008, p. 16), no ano de 1960, o Hospital Barata Ribeiro no Estado do Rio de Janeiro programou as aulas para crianças hospitalizadas, contando com uma professora específica. Foi também neste ano que os profissionais que dirigiam os dois Hospitais buscaram junto a Secretaria de Educação a regulamentação da Pedagogia Hospitalar, porém o reconhecimento de modalidade educacional veio apenas em 2002.

Sobre a regulamentação da Pedagogia em âmbito Hospitalar, SCHIKE (2008, p. 16) afirma que:

Apenas em 2002 o Ministério da Educação, por meio da Secretaria da Educação Especial, regulamenta esse tipo de trabalho com a publicação do documento intitulado “Classe Hospitalar e Atendimento pedagógicos domiciliar; estratégias e orientações.” Que tinha por objetivo estruturar ações políticas de organização do sistema de atendimento educacional em ambientes hospitalares e domiciliares.

No Brasil devido aos graves problemas de saúde, frequente nas crianças com menos de cinco anos, como desnutrição (22%), pneumonia (12%), problema renais (8%), doenças oncológicas (12%) e outras doenças (ortopédicas, patologias cardíacas, doenças congênitas, doenças crônicas ou letais), surge à necessidade das classes hospitalares. (FONSECA, 1998, p. 33).

Cerca de 60% das classes hospitalares existentes no Brasil é fruto de convênios firmados entre os hospitais e as Secretarias de Educação e Saúde dos Estados, estabelecendo e fazendo cumprir as determinações da Política Nacional de Educação Especial referente à área física, mobiliário, equipamentos e reaparelhamento, adequados as diferentes situações especiais dos alunos, discutindo e sensibilizando a equipe de saúde para que possa encontrar alternativas que levem à oferta de acomodações mais adequadas para o exercício desta modalidade de atendimento pedagógico-educacional. (FONSECA, 1998, p. 36).

As classes hospitalares no país ainda não são uma realidade, pois falta estrutura na maioria dos hospitais para atender as crianças e adolescentes que necessitam de um atendimento, sendo necessário que muitas das vezes os pedagogos tenham que improvisar o local dos atendimentos.

Apesar do baixo número de classes hospitalares, no Brasil, os resultados obtidos em alguns hospitais que tem atendimento pedagógico hospitalar são estimuladores, como exemplos nos hospitais de Clinicas Em Porto Alegre - RS, levantamento realizado pelo hospital junto ao Programa Escolar Hospitalar detectou que 12% da clientela atendida na classe hospitalar não frequentavam a escola regular e que 28% dos alunos desta classe hospitalar estavam atrasados em um a três anos em sua escolaridade. (CECCIM, 1997, p, 25)

Outro exemplo é o Hospital pequeno Príncipe em Curitiba - PR, que atende criança de todas as regiões do Brasil. Ressaltando que em 1988 foi pioneiro na implantação de espaço de continuidade de aprendizagem escolar, com a participação de um conjunto interdisciplinar de profissionais que propiciavam aos pacientes além da educação uma estadia mais confortável.

No Amazonas a Secretaria de Estado de Educação (SEDUC) implantou um projeto em um hospital infantil onde se verificou que nem os pais ou responsáveis dos pacientes tinham conhecimento da existência de classe hospitalar, e constataram a melhora considerável no quadro clínico das crianças participantes do projeto, com isto outras famílias vendo os resultados dos participantes, solicitaram que seus filhos ingressassem no projeto. “Todos confirmaram que o atendimento hospitalar influenciou na recuperação das crianças internadas, e ainda todos os acompanhantes acreditavam que era aconselhável que a criança mesmo internada pudesse estudar”. (SILVA; MENEZES, 2008, p. 8).

Os benefícios como a interação do paciente nas aulas, fazer com que se sintam capazes de aprender com o atendimento da classe hospitalar para as crianças hospitalizadas, e os relatos de quem trabalha nessa modalidade são sempre muito positivos com relação à melhora e ao aprendizado das crianças.

Gasparotto explica que:

É fundamental que o profissional da educação no ambiente hospitalar entenda que, naquele momento para a criança, ele é muito mais que professor, é um amigo, é um sujeito de extrema importância, é especial, é alguém com quem ela pode contar. A emoção está sempre em destaque neste ambiente. Uma bolsista do projeto em Maringá relata: tive o prazer de estar perto de crianças maravilhosas, que mesmo em momentos delicados e muitas vezes tensos, demonstraram vontade de aprender, de saber/conhecerem sempre mais. (GASPAROTTO, 2011, p.27).

Os professores são bem vindos ao ambiente hospitalar, pois traz harmonia, tranquilidade, conhecimento, deixando as crianças mais a vontade, dispostas, deixando um pouco de lado sua condição de paciente, como relata Portela (2010), a estadia do aluno no hospital fica mais agradável, cita uma ocasião que o aluno recebeu alta e pediu para que o médico adiasse para o final de semana porque no sábado a professora não viria., embora tenha sido cômica a situação, ficou registrada a importância daquele ato, refletindo nossa proposta de trabalho como equipe”. (PORTELA, 2010, p. 7).

Uma situação de enfermidade carrega junto de si circunstâncias complexas que devem ser tratadas com destreza por todas as pessoas que estão diretamente ligadas a esta condição.

A criança que tem um atendimento diferenciado no período de internação quer seja prolongado ou não, apresentará melhoria no tratamento de saúde, muitas famílias ficam aliviadas, em saber que a escola faz parte do cotidiano hospitalar que as atividades são planejadas de acordo com série e idade da criança. (ARCO-VERDE, 2010, p. 70).

É um momento na vida no qual o doente está bem fragilizado, pois não sabe qual será seu futuro dentro daquele hospital e por este motivo devem-se destinar ações integradas que auxiliem e não excluam estas pessoas da sociedade e de suas próprias vidas.

Dentre os significados da Pedagogia Hospitalar, bem como suas especificidades, SCHILKE (2008 p. 17) explica que:

Este modelo educacional defende a ideia de que o conhecimento deve contribuir para o bem-estar físico psíquico e emocional da criança enferma, enfocando mais os aspectos emocionais que os cognitivos. Essa modalidade busca uma ação diferenciada do professor no hospital e apesar de trazer uma perspectiva transformadora intrínseca na sua atuação, é de difícil realização e pode ser banalizada.

Um fator a ser levado em conta é que o termo Pedagogia Hospitalar não está explícito na Legislação Brasileira, o que normalmente se encontra é o termo Classe Hospitalar, porém segundo autores como FONTES (2005, P. 121) E SCHILKE (2008, p. 17) o termo Classe Hospitalar é muito delimitado para a modalidade da Educação Especial, pois não abrange todos os projetos existentes em um Hospital, o que então, se torna mais propício a Pedagogia Hospitalar.

O pedagogo que decide atuar nessa modalidade de pedagogia deve estar preparado e apto para os atendimentos de todas as necessidades das crianças, pois como se encontram hospitalizadas o tratamento deve ser diferenciado do que se dá dentro de uma sala de aula. Porém ele terá a seu dispor vários recursos e uma equipe de psicólogos, médicos e enfermeiros para que o profissional saiba qual o tratamento da criança. E isso fará que ele possa escolher os meios corretos de materiais e espaço para que a criança tenha interesse e se sinta confortável nesse processo.

Diante de tudo o exposto do que se trata a educação, a pedagogia e de onde surgiu a Pedagogia Hospitalar, começa o entendimento sobre o tema do trabalho. Os próximos capítulos aprofundarão a Pedagogia Hospitalar e a função do pedagogo como se dará essa abordagem.

2 NORMAS LEGAIS E PLANEJAMENTO CURRICULAR DA PEDAGOGIA HOSPITALAR

O presente capítulo tem como propósito apresentar as diretrizes legais que norteiam a Pedagogia Hospitalar e como deve ser o desenvolvimento do pedagogo e o planejamento curricular da Pedagogia Hospitalar, para que os alunos tenham um atendimento especializado e específico.

2.1 NORMAS LEGAIS DA PEDAGOGIA HOSPITALAR

É de grande valia que se apresente que a Pedagogia Hospitalar além de ser uma área muito significativa para a saúde e a educação ela também encontra respaldo na lei.

Dentro do ordenamento jurídico brasileiro a primeira referencia que se encontra sobre o tema é o Decreto Lei nº 1044, de 24.10.1969 que traz em seu artigo 1º:

São considerados merecedores de tratamento excepcional os alunos de qualquer nível de ensino, portadores de afecções congênitas ou adquiridas, infecções, traumatismo ou outras condições mórbidas, determinando distúrbios agudos ou agonizantes, caracterizados por: a) incapacidade física relativa, incompatível com a frequência aos trabalhos escolares; desde que se verifique a conservação das condições intelectuais necessárias para o prosseguimento da atividade escolar em novos moldes; b) ocorrência isolada ou esporádica; c) duração que não ultrapasse o máximo ainda admissível, em cada caso, para a continuidade pedagógica de aprendizado, atendendo a que tais características se verificam, entre outros, em casos de síndromes hemorrágicas (tais como hemofilia), asma, pericardites, afecções osteoarticulares submetidas a correções ortopédicas, etc.

Com o advento da Constituição Federal em 1988, trouxe em seu artigo 205 o seguinte texto: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa,

seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. E no artigo 214 que afirma que as ações do poder público devem conduzir à universalização do atendimento escolar, porém poucas ações efetivas foram consolidadas no ambiente hospitalar.

Em 1990 nasce o ECA um marco na história, pois um Estatuto que trata apenas dos interesses das crianças e adolescentes seu artigo 3º, diz que “a criança e o adolescente gozam de todos os direitos inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta lei, assegurando-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade”.

Diante de tantas mudanças na lei surgiram outros órgãos que passaram a defender também os direitos das crianças e adolescentes também Entre eles, pode se citar o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA), o Programa Nacional de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (PRONAICA), o Conselho da Comunidade Solidária e os Conselhos Tutelares.

O Conselho Nacional de Defesa dos Direitos da criança e do Adolescente (CONANDA) foi fundado em 1995 e com ele foi possível a elaboração e aprovação da resolução n. 41/95 de 13.10.1995, esta resolução delibera no seu item 9, “ A criança e o adolescente tem o direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar”

Em 1996, surge a da LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9394, que, no artigo V, prevê que: “O atendimento educacional será efetivado em escolas, classes ou serviços especializados, sempre que em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular”, que já demonstra estar preocupada não apenas com a educação em ambientes escolares.

Em 1999 surge mais um decreto com a preocupação com o educando enfermo Decreto n. 3.298, de 20.12.1999, artigo 24, inciso V, que estabelece o oferecimento obrigatório dos serviços de educação especial ao educando portador de deficiência em unidades hospitalares e congêneres nas quais esteja internado por prazo igual ou superior a um ano.

Em 2001 sai a Resolução CNE/CEB (Conselho Nacional de Educação/ Câmara de Educação Básica) de relevante importância no seu artigo 13, parágrafos 1º e 2º, “Os sistemas de ensino, mediante ação integrada com os sistemas de saúde, devem organizar o atendimento educacional especializado a alunos impossibilitados de frequentar as aulas em razão de tratamento de saúde que implique internação hospitalar, atendimento ambulatorial ou permanência prolongada em domicílio”.

§1º As classes hospitalares e o atendimento em ambiente domiciliar devem dar continuidade ao processo de desenvolvimento e ao processo de aprendizagem de alunos matriculados em escolas da Educação Básica, contribuindo para seu retorno e reintegração ao grupo escolar, e desenvolver currículo flexibilizado com crianças, jovens e adultos não matriculados no sistema educacional local, facilitando seu posterior acesso à escola regular. §2º Nos casos de que trata este artigo, a certificação de frequência deve ser realizada com base no relatório elaborado pelo professor especializado que atende o aluno. (2001 pag. 04)

Resolução nº 1 CNE/CP de 18.02.2002 “Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de professores da Educação Básica”. Na exigência da legitimidade desse direito o prof. Amaury César Moraes (2008) destaca:

Apenas como nota reclamo que haveria necessidade urgente de uma verdadeira consolidação das Leis da Educação ou um Código de Educação, capaz de dar uniformidade à legislação educacional e, sobretudo, passá-la pelo crivo de juristas com profundo conhecimento em ambos os campos – Direito e Educação -, pois o que se percebe muitas vezes é dispositivos legais descambarem para a digressão ou auto interpretação, ultrapassando o seu caráter normativo, restringindo a competência e autonomia de quem aplica e interpreta a lei. Por vezes, por conta de Pareceres e Diretrizes nada sobra para que os sujeitos reais, objeto da legislação, tenham sua concretude reconhecida, isto é, suas vidas são desde já vividas antecipadamente – pela legislação. (2008 pag. 35)

Diante do que aqui já foi exposto é visível que a preocupação com a educação além das escolas, veio crescendo de forma gradativa.

Em 2012 o MEC edita o documento intitulado de Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar que estabelece:

O Ministério da Educação, por meio de sua Secretaria Especial, tendo em vista a necessidade de estruturar ações políticas de organização do sistema de atendimento educacional em ambientes e instituições outros que não a escola, resolveu elaborar um documento de estratégias e orientações que viessem promover a oferta do atendimento pedagógico em ambientes hospitalares e domiciliares de forma a assegurar o acesso à educação básica e à atenção às necessidades educacionais especiais, de modo a promover o desenvolvimento e contribuir para a construção do conhecimento desses educandos. (2002, p. 07)

Para Mattos e Mugiatti (2007, p.13), a Pedagogia Hospitalar pretende oferecer à criança e ao adolescente a valorização dos seus direitos à educação e a saúde, como também ao espaço que lhe é devido enquanto cidadão.

A Pedagogia Hospitalar visa proporcionar ensino às crianças que estão internadas nos hospitais, porém não é toda criança que se adequa a esse atendimento, visto que para ser considerada em situação de enfermo a criança ou adolescente deve estar lá para tratamentos intensos que impossibilitam de ir à escola regular.

O que os autores demonstram é que a preocupação dos pedagogos hospitalares é garantir que o direito dela de terem acesso à saúde e educação caminhe lado a lado sem que uma interfira na outra.

Nesse mesmo sentido, Assis considera que:

Tratar do atendimento pedagógico-educacional em instituições hospitalares é considerar a inter-relação de duas importantes áreas- educação e saúde que devem atuar com a finalidade de promover o desenvolvimento integral da pessoa que está sob tratamento de saúde, visando aos seus direitos e à sua qualidade de vida. A qualidade de vida - o bem-estar. O estar bem implica condições físicas, psicológicas e sociais que favoreçam a pessoa a desfrutar uma vida equilibrada, isto é, a possibilidade de realização pessoal, profissional e afetiva. (ASSIS, 2009, p.81)

Mesmo com tantos decretos e leis favoráveis a Pedagogia Hospitalar, o que se pode perceber é que na prática não funciona tão bem, pois a sociedade ainda é carente de profissionais especializados tanto na área da educação quanto na área da saúde. Pois ainda falta compromisso dos hospitais e dos profissionais além das autoridades envolvidas para que se leve o acesso a educação a todos os estudantes que se encontram hospitalizados e que precisam desse atendimento.

A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO

O presente tópico visa apresentar como se dá a formação do Pedagogo em especial como se dá a formação do Pedagogo Hospitalar, o que diferencia ele da formação da

pedagogia em outras áreas.

Os termos Pedagogia Hospitalar e Classe hospitalar têm sido abordados até aqui numa proposta de aprendizado que vise refletir na ação educativa no hospital como um processo de humanização, que promove o aprendizado e ação educativa como um processo emancipador. O pedagogo surge no momento atual como uma nova ação educativa a partir das novas perspectivas que fornece o enfrentamento corajoso do renascimento dessa profissão. A prática do pedagogo ocorre juntamente com os profissionais da saúde.

“A sua atuação nesse sentido é uma reforçada contribuição ao trabalho multidisciplinar no contexto do hospital tendo condições de desenvolver um trabalho sincronizador, didático e pedagógico educativo”. (MATOS E MUGIATTI, 2006 p. 16).

É necessário que o pedagogo tenha conhecimento de alguns princípios básicos de atendimento a uma emergência é necessário para que o professor atenda a criança e de encaminhamento aos profissionais de saúde.

De acordo com Arosa (2007, p.75) “o professor como mediador do processo de ensino e aprendizagem é (ou deveria ser) aquele que instiga que compartilha o conhecimento, que ensina e aprende junto com o aluno”. Desta forma desfaz a visão tradicional de sua intervenção, construindo uma ação pedagógica mais solidária.

De acordo com o artigo 7º da deliberação CEE 05/00 dispõe que o professor de classes hospitalares deve ter habilitação para docência como especialização adquirida conforme a LDB Lei 9394/96.

Fonseca (2003, p.25) acrescenta que “o professor está lá para estimulá-los através do uso de seu conhecimento, das necessidades curriculares de cada criança”.

O pedagogo que atua dentro de uma classe hospitalar deve buscar entender o estado de saúde de seus alunos, assim consegue ter uma visão melhor do tipo de atividades ele pode desenvolver, pois o que pode ser bom para um não vai ser para outro visto que cada aluno hospitalizado tem uma necessidade especial.

De acordo com Barros o professor de uma classe hospitalar deve ser capaz de identificar e justificar as variáveis presentes neste contexto, e a partir daí analisar as medidas mais humanizadas que integrem as atividades escolares com a condição de internação da criança, explorando os espaços e rotinas hospitalares compondo de uma forma harmônica as tarefas escolares e o tratamento. Para a autora o professor de classe hospitalar deve estar atento às necessidades de aprendizado e à motivação de cada aluno diante das atividades propostas. Respeitar o tempo de cada aluno sem deixar de estabelecer o compromisso

direcionando estes objetivos de modo que a preposta seja concretizada. (BARROS, 2007.p.265).

Percebe-se que, a maioria dos autores pontua sobre as necessidades de cada aluno, o pedagogo envolvido dentro de uma unidade hospitalar deve conseguir criar várias formas de ensino diferente, fugindo do que é apresentado em salas de aulas convencionais.

Sobre o papel do professor que atua no hospital, Ceccim e Fonseca (1998, p. 35) enfatizam que a classe hospitalar necessita de professores “com destreza e discernimento para atuar com planos e programas abertos, móveis, mutantes, constantemente reorientados pela situação especial e individual de cada criança ou adolescente sob atendimento”.

Matos aponta:

A Pedagogia Hospitalar demanda necessidades de profissionais que tenham uma abordagem progressista, com uma visão sistêmica da realidade do escolar doente. Seu papel principal não será de resgate a escolaridade, mas de transformar essas duas realidades fazendo fluir sistemas que as aproximes e as integre (MATOS, 1998, p.12).

O pedagogo no ambiente hospitalar é um pilar dentro da vida do doente, pois ele vai mostrar para a criança/adolescente que mesmo estando em situação hospitalar é fundamental que ele possa ter uma perspectiva de futuro, porém deve tomar bastante cuidado com o tratamento dos que se encontra em fase terminal, pois devem fazer o possível para elevar a auto estima deles sem enganá-los ou dar perspectivas enganosas.

A criança não pode ser prejudicada pelo longo período de internação, pois ela sofre muito com a situação. O pedagogo é o agente de mudanças, “que numa perspectiva integradora e numa visão de prática pedagógica de educação integral promove o aperfeiçoamento humano”. (MATOS; MUGGIATTI, 2001, p. 117)

Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de pedagogia, sob o processo 23001000188/2005-2, aprovado pelo parecer CNE/CP5/2005, 13/12/2005 inclui também a formação em contextos não escolares, destacando-se inclusive a preparação e prática em ambiente hospitalar para atendimento sob aspectos pedagógicos. (MATOS E MUGGIATTI, 2006, p.32).

A formação do pedagogo e do Pedagogo Hospitalar é essencial, visto que são fundamentais no desenvolvimento das crianças e adolescentes que encontram nos hospitais,

dentro da formação é necessário que apresente as dificuldades que são encontradas dentro de um hospital e o quanto devem ser humanizados, o que será apresentado logo à frente.

2.3 PLANEJAMENTO CURRICULAR DA PEDAGOGIA HOSPITALAR

A elaboração curricular para o aluno que está hospitalizado é deve ser cuidadosamente analisada, pois deve ser bem particular, pois cada criança/adolescente deve ter o seu currículo adaptado individualmente, para dar condições para que ele aprenda e desenvolva as atividades levando em consideração suas limitações momentâneas ou não. O documento Classe Hospitalar – MEC afirma que: [...] “um currículo flexibilizado e/ou adaptado, favorecendo seu ingresso, retorno ou adequada integração ao seu grupo escolar correspondente, como parte do direito de atenção integral”. (2002, p. 13).

O MEC sugere articular o programa de atendimento em dois momentos. No primeiro, o docente deve trabalhar os conteúdos definidos num currículo próprio, geral, que tem por base os parâmetros curriculares nacionais. No segundo a equipe do hospital adapta o trabalho pedagógico de acordo com o histórico do aluno, muitas vezes lançando mão de uma avaliação inicial.

A aplicação de provas para medir o nível do aluno em seu retorno à escola regular, não é adotada pelo MEC. Pois o ideal, para o órgão é que a equipe pedagógica estude os materiais enviados pelo hospital para chegar a um diagnóstico. A esse respeito é conferido pelo MEC em relação à organização e competências para viabilização da Pedagogia Hospitalar que:

A definição e implementação de procedimento de coordenação, avaliação e controle educacional devem ocorrer na perspectiva do aprimoramento da qualidade do processo pedagógico. Compete às secretarias estaduais e municipais de educação e do Distrito Federal, o acompanhamento das classes hospitalares e do atendimento pedagógico domiciliar. O acompanhamento deve considerar o cumprimento da legislação educacional, a execução da proposta pedagógica, o processo de melhoria da qualidade dos serviços prestados, as ações previstas na proposta pedagógica, a qualidade dos espaços físicos, instalações, os equipamentos e a adequação às suas finalidades, a articulação da educação com a família e a comunidade. (CLASSE HOSPITALAR, 2002, P. 19)

Considerando as finalidades e especificidades das condições de cada criança a ser atendida, o ambiente deve ser preparado individualmente para cada uma, já que deve ser um ambiente acolhedor, que estimule as crianças, deve conter jogos e brinquedos para que elas fiquem à vontade e se sintam num ambiente aconchegante e acolhedor. O professor deve estruturar suas atividades para que elas tenham início e fim, apesar de ser flexível deve seguir um planejamento.

Em geral, o atendimento ao estudante hospitalizado é personalizado, pois cada um está num nível distinto de ensino e precisa ser atendido em suas particularidades, mas esta particularização não autoriza os educadores a improvisar o atendimento. O professor deve ter conhecimento teórico e metodológico para dar condições ao seu aluno de aprender, pois de acordo com Ceccim e Fonseca:

[...] abre-se, com este estudo, a necessidade de formular propostas e aprofundar conhecimentos teóricos e metodológicos, visando em atingir o objetivo de dar continuidade aos processos de desenvolvimento psíquico e cognitivo das crianças e jovens hospitalizados. (1999, p. 117)

O planejamento das aulas que são dadas dentro de um hospital deve ser feito com bastante cuidado, além de ser exclusivo para cada aluno, o pedagogo deve ter em mente as atividades que vai desenvolver e demandar um pouco do seu tempo também para a elaboração cuidadosa de suas aulas.

Para Travassos:

As crianças em diferentes idades possuem necessidades diferentes, respondem a diferentes formas de informação cultural e assimilam conteúdos com diferentes estruturas motivacionais e cognitivas, logo os tipos de regimes educacionais planejados pelos educadores precisam levar em conta esses fatores desenvolvidos. Os tipos de modelos educacionais que são oferecidos às crianças podem demonstrar a direção que elas poderão tomar, podendo ser encorajadas ou não para a perícia, criatividade, etc. Em nossa sociedade pode haver modelos contrastantes sobre o uso do talento e as maneiras pelas quais ele pode ser desenvolvido. (2001, p.32)

Pode-se analisar que a grande diversidade na estrutura e funcionamento do atendimento escolar hospitalar levou alguns escritores a esboçar uma distinção entre duas linhas pedagógicas para o atendimento educacional em hospitais: A Pedagógico-educacional e a lúdico-terapêutica. Essa distinção é esboçada por Ceccim e Fonseca (1999.)

Ser um profissional de pedagogia que opta por atuar na área hospitalar deve estar preparado para inúmeros desafios, por isso deve se especializar para que tenha a melhor metodologia para ensinar seus alunos que estão em situações delicadas, além de estar preparado também para suportar o quão difícil é trabalhar dentro de um hospital e ter que lidar com as mais variadas doenças, além de muitas vezes ter que lidar com a perda de alunos em estágios terminais.

O próximo capítulo tem como objetivo apresentar o profissional pedagogo em sua atuação dentro da saúde. Como ele trabalha e trazer a vivência do hospital.

2.4 ARTIGOS E TESES

Ao prosseguir nossa investigação buscamos por teses, dissertações e artigos em diferentes universidades que pesquisaram o tema Pedagogia Hospitalar e como ele está presente ou se inserindo nas escolas e, o que vem sendo produzido academicamente a respeito da infância e das práticas educativas dentro desse contexto. Um ponto comum nas pesquisas é como se aplica a pedagogia dentro dos hospitais, e como isso pode contribuir aos envolvidos.

A ESCUTA PEDAGÓGICA E A CRIANÇA HOSPITALIZADA: DISCUTINDO O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO HOSPITAL

Marcela Faria (2013) aborda em seu artigo sobre a importância da abordagem pedagógica dentro dos hospitais, uma junção entre os pais, a equipe médica e o pedagogo, para que a criança que se encontra em tratamento possa continuar com seus estudos dentro de um ambiente diferente da escola, trazendo possibilidades da criança melhorar sua psicológica que nesse momento se encontra fragilizada. Destaca também que a criança quando é submetida a tratamentos hospitalares se vê diante de um momento assustador de sua vida,

pois troca os encantos da infância, pelos corredores gelados dos hospitais, sair de perto dos seus amigos e ambiente, pode até fazer com que a criança rejeite o tratamento.

E é nesse ponto que surge a importância da Pedagogia Hospitalar, que tem como objetivo socializar e integrar o educando hospitalizado dentro de um ambiente que ele se sinta mais acolhido, e não perdendo seu tempo escolar enquanto se encontra em tratamento. O que é muito importante para a criança nessa situação.

Para Matos e Mugiatti (2007), desde seu surgimento, a Pedagogia Hospitalar ampliou o foco de atuação do pedagogo para o espaço da saúde e vem buscando garantir, por meio de propostas pedagógicas, uma possibilidade a mais de espaço de trabalho com a integração de multiprofissionais em prol da recuperação da saúde de uma forma mais ampla e humanizada. Acredita-se que a Pedagogia Hospitalar pode fazer com que a recuperação do educando venha a ser mais rápida, uma vez que um enfermo se sente inserido em um novo fazer e agir, mesmo que em contexto hospitalar.

Nesse contexto surgiu a iniciativa de se criar escolas hospitalares para prestar atendimento diferenciado e realizar experiências educativas com educandos hospitalizados. Aos poucos essa iniciativa foi levada a outros países, tais como o Brasil, em que a legislação vigente reconhece o direito ao atendimento educacional especializado aos educandos que se encontram hospitalizados e, por isso, impossibilitados de frequentar as aulas (MARCELA FARIA, 2013).

No Brasil este direito é assegurado pela própria Constituição Federal, em seu art. 208, III, que estabelece que: o Poder Público deve assegurar “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”. O direito de receber atendimento na classe hospitalar também é assegurado oficialmente pela Política Nacional de Educação Especial (MEC/SEESP, 1994).

Esta política propõe que a educação em hospitais seja realizada através da organização de classes hospitalares, também denominadas escolas hospitalares. Estas unidades devem proporcionar eventos educacionais a todos os pacientes em idade escolar que se encontrem em situação de doença, sejam simples transtornos do desenvolvimento e até mesmo situações de risco (MARCELA FARIA, 2013).

Além de a Pedagogia Hospitalar ser de grande ajuda para criança em tratamento, é um direito assegurado pela Constituição Federal, que deve ser observado pelos hospitais e pelos pais das crianças para que não sejam desamparadas nesse ponto. Importante lembrar que além da Constituição Federal o ECA também assegura esse direito as crianças.

O educando hospitalizado, seja criança ou adolescente, passa por uma experiência dolorosa de privação de saúde e de liberdade, vivida pela dor física e pelo desequilíbrio emocional, acarretado devido à sensação de abandono no ambiente hospitalar, o que pode dificultar a cura e prolongar o tratamento. O afastamento do internado de suas famílias, da escola e dos amigos acaba alterando sua autoestima, criando ansiedade, medo, desânimo, depressão e tornando lenta sua recuperação. Tudo isso, acaba refletindo na vida escolar da criança que, muitas vezes, pode perder o ano letivo.

Não se pode generalizar o dia a dia em hospital, portanto, contar histórias, dramatizar, usar fantoches e outras tantas linguagens são comunicações que chamam a criança e o jovem para fora da realidade hospitalar, o que pode contribuir para melhorar a qualidade de vida dessas crianças e dos jovens, pois esse diferencial, com certeza, contribuirá para que a hospitalização possa vir a ser mais amena em sua vida (CARDOSO, 1995, p. 48).

Segundo Mazzota (apud CAIADO, 2003, p. 74) a educação no contexto hospitalar pode ser definida como “o ensino desenvolvido por professor especializado e prestado a crianças e jovens que, devido a condições incapacitantes temporárias ou permanentes, estão impossibilitadas de se locomover até a escola”

É importante que o educador envolvido nesse trabalho de Pedagogia Hospitalar, tenha um preparo diferenciado do pedagogo que está dentro de uma sala de aula normal, pois os alunos nesse ambiente hospitalar estão mais frágeis e necessitam de atenção diferenciada e as vezes até de cuidados redobrados.

Educandos hospitalizados podem se envolver nas atividades pedagógicas, de tal forma que se sintam felizes e produtivos, deixando, assim, de pensar na doença. Desse modo, sentem-se menos excluídos e podem despertar para outras realidades, vivendo de forma mais positiva, buscando forças no seu interior para reagir diante da doença e do lugar em que estão. Eles podem criar expectativas para um futuro promissor, com muitas esperanças de cura e da volta ao convívio familiar e social. O papel da educação nesse espaço é o de proporcionar essas transformações sociais, levando uma nova alternativa para transformar o ambiente hospitalar de um lugar triste e, muitas vezes, desconfortante em um local mais descontraído, por meio de projetos pedagógicos, lúdicos e criativos (MARCELA FARIA, 2013).

O profissional deve ser dotado de várias competências como: técnica, intelectual e a política, no qual devem estar em encontro com o conhecimento de cada uma. O Educador nunca deve cruzar os braços, as práticas pedagógicas mostram que educar é uma ação que envolve a sensação, o sentimento, a intuição, assim, além de transmitir e construir

conhecimentos assume um sentido terapêutico ao despertar no educando uma nova consciência que leve além do seu próprio eu (STEIGLER, ROSA e MOREIRA, 2011, p. 118)

Nesse contexto surgiu a iniciativa de se criar escolas hospitalares para prestar atendimento diferenciado e realizar experiências educativas com educandos hospitalizados. Aos poucos essa iniciativa foi levada a outros países, tais como o Brasil, em que a legislação vigente reconhece o direito ao atendimento educacional especializado aos educandos que se encontram hospitalizados e, por isso, impossibilitados de frequentar as aulas.

No Brasil este direito é assegurado pela própria Constituição Federal, em seu art. 208, III, que estabelece que: o Poder Público deve assegurar “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”. O direito de receber atendimento na classe hospitalar também é assegurado oficialmente pela Política Nacional de Educação Especial (MEC/SEESP, 1994).

Esta política propõe que a educação em hospitais seja realizada através da organização de classes hospitalares, também denominadas escolas hospitalares. Estas unidades devem proporcionar eventos educacionais a todos os pacientes em idade escolar que se encontrem em situação de doença, sejam simples transtornos do desenvolvimento e até mesmo situações de risco (MARCELA FARIA, 2013).

Além de a Pedagogia Hospitalar ser de grande ajuda para criança em tratamento, é um direito assegurado pela Constituição Federal, que deve ser observado pelos hospitais e pelos pais das crianças para que não sejam desamparadas nesse ponto. Importante lembrar que além da Constituição Federal o ECA também assegura esse direito as crianças.

Segundo Marcela Faria (2013), o educando hospitalizado, seja criança ou adolescente, passa por uma experiência dolorosa de privação de saúde e de liberdade, vivida pela dor física e pelo desequilíbrio emocional, acarretado devido à sensação de abandono no ambiente hospitalar, o que pode dificultar a cura e prolongar o tratamento. O afastamento do internado de suas famílias, da escola e dos amigos acaba alterando sua autoestima, criando ansiedade, medo, desânimo, depressão e tornando lenta sua recuperação. Tudo isso, acaba refletindo na vida escolar da criança que, muitas vezes, pode perder o ano letivo.

Não se pode generalizar o dia a dia em hospital, portanto, contar histórias, dramatizar, usar fantoches e outras tantas linguagens são comunicações que chamam a criança e o jovem para fora da realidade hospitalar, o que pode contribuir para melhorar a qualidade de vida dessas crianças e dos jovens, pois esse diferencial, com certeza, contribuirá para que a hospitalização possa vir a ser mais amena em sua vida (CARDOSO, 1995, p. 48).

É importante que o educador envolvido nesse trabalho de Pedagogia Hospitalar, tenha um preparo diferenciado do pedagogo que está dentro de uma sala de aula normal, pois os alunos nesse ambiente hospitalar estão mais frágeis e necessitam de atenção diferenciada e as vezes até de cuidados redobrados.

Educandos hospitalizados podem se envolver nas atividades pedagógicas, de tal forma que se sintam felizes e produtivos, deixando, assim, de pensar na doença. Desse modo, sentem-se menos excluídos e podem despertar para outras realidades, vivendo de forma mais positiva, buscando forças no seu interior para reagir diante da doença e do lugar em que estão. Eles podem criar expectativas para um futuro promissor, com muitas esperanças de cura e da volta ao convívio familiar e social. O papel da educação nesse espaço é o de proporcionar essas transformações sociais, levando uma nova alternativa para transformar o ambiente hospitalar de um lugar triste e, muitas vezes, desconfortante em um local mais descontraído, por meio de projetos pedagógicos, lúdicos e criativos (MARCELA FARIA, 2013).

PERCEPÇÕES DA CRIANÇA ACERCA DO CUIDADO RECEBIDO DURANTE A HOSPITALIZAÇÃO

Silvia et al (2000) discorre sobre a necessidade de um cuidado humanizado por parte da equipe multiprofissional que trabalha junto a criança, unido a família, consegue diminuir bastante o impacto da internação na vida da criança e também dos envolvidos nessa internação.

Ceccim (1997), afirma que ao cuidarmos da criança devemos estar atentos aquelas coisas que importam e têm significado para ela. Precisamos compreender que brincadeiras engraçadas e explicações para os pais não são suficientes para tornarem a nossa conduta adequada às necessidades infantis. (CARVALHO, 1997).

As opiniões das crianças que estão doentes e internadas devem ser respeitadas, pois ajuda que ela entenda que a vontade dela também é respeitada, pois ela é individual.

Diante dessa necessidade de proporcionar as crianças em tratamento hospitalar um bem-estar, uma inserção ao mundo escolar mesmo que não esteja dentro de escolas, surge a criação da Pedagogia Hospitalar, as escolas dentro dos hospitais.

Os pedagogos que trabalham nessa área devem fazer sua especialização em saúde pública.

HISTÓRIA: EXPERIÊNCIA E PERSPECTIVA HISTÓRIA DA ESPECIALIZAÇÃO EM SAÚDE PÚBLICA NO BRASIL: NOTA INTRODUTÓRIA

Lima et al (2004) descreve que no Brasil, a partir de 1920, a influência da Fundação Rockefeller na formação de recursos humanos não se restringiu à criação do Instituto de Higiene de São Paulo, experiência que também não pode ser vista como mera transposição de um modelo, envolvendo estratégias e ações complexas por parte da comunidade científica e de lideranças políticas daquele estado. No que se refere aos marcos de criação das escolas de saúde pública, é possível também argumentar que, desde seus primórdios, o Instituto Oswaldo Cruz (IOC) dedicou-se à formação de recursos humanos altamente qualificados, por intermédio da criação, em 1908, do Curso de Aplicação, o que implicava a formação, a um só tempo, para a pesquisa biomédica e para a saúde pública. O curso tinha duração de dois anos em tempo integral e teria sido oferecido pela instituição até 1969.

O autor supracitado cita que em 1954, foi criada a Escola Nacional de Saúde Pública, primeira escola federal destinada a formar quadros qualificados para todo país – não por acaso nos momentos iniciais do Ministério da Saúde –, assegurando a existência de uma instituição exclusivamente dedicada à formação de especialistas em saúde pública. Tal projeto pode ser compreendido como o resultado de um processo em que experiências anteriores de formação, intensificadas a partir da década de 1940, tiveram um peso significativo. A partir daquela década, ampliou-se também a abrangência da especialização de profissionais de saúde pública, valorizando-se profissionais com formação de nível superior em outros cursos, além do tradicional curso de medicina. Um pequeno trecho do depoimento de Elsa Ramos Paim ilustra esse processo de descobrimento e fascinação pela saúde pública que marcaria sua geração, fruto daquele momento em que a preocupação em formar novos quadros para a saúde atraiu jovens estudantes das mais diversas regiões do país.

Oswaldo Cruz percebeu a importância da saúde pública como um todo não só apenas dentro da pedagogia. Para os profissionais da pedagogia é uma área ainda não muito explorada, mas a saúde pública abre uma perspectiva diferente para a pedagogia e muito útil para a área.

Após ver uma breve explanação da saúde pública voltemos ao tema que é a Pedagogia Hospitalar e sua importância.

A REINVENÇÃO DA ESCOLA A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA INSTITUINTE EM HOSPITAL

Fontes (2004) afirma que a contribuição do acompanhamento pedagógico em hospital para o bem-estar da criança hospitalizada passa por duas vertentes de análise. Primeiro, porque este tipo de atividade, ao acionar o lúdico como canal de comunicação com a criança hospitalizada, procura fazê-la esquecer, durante alguns instantes, do ambiente agressivo no qual se encontra, resgatando sensações da infância vivida anteriormente à entrada no hospital. Segundo, porque ao conhecer e desmitificar o ambiente hospitalar, ressignificando suas práticas e rotinas, que é uma das propostas de atendimento pedagógico em hospital, o medo que paralisa as ações e cria resistência, tende a desaparecer, surgindo em seu lugar a intimidade com o espaço e a confiança naqueles que cuidam dela.

O termo escuta provém da psicanálise e diferencia-se da audição. Enquanto a audição se refere à apreensão/compreensão de vozes e sons audíveis, a escuta se refere à apreensão/compreensão de expectativas e sentidos, ouvindo através das palavras, as lacunas do que é dito e os silêncios, ouvindo expressões e gestos, condutas e postura. A escuta não se limita ao campo da fala ou do falado, ao contrário, busca perscrutar os mundos interpessoais que constituem nossa subjetividade para cartografar o movimento das forças de vida que engendram nossa singularidade. (CECCIM, 1997, p. 31)

Essa escuta pedagógica de que fala Ceccim (1997) deve transcender o físico, aparentemente imediato e adentrar o mundo silencioso ou silenciado das subjetividades da criança enferma. Desse modo, a escuta se materializa numa perspectiva de atenção integral como escuta à vida, resgatando o conceito de saúde como afirmação da própria vida. Começamos a perceber nesse contexto inter-subjetivo do hospital, em que se interpenetram os conceitos de educação e saúde, uma nova perspectiva de educação que fertiliza a vida, pois sabemos que o desejo de aprender/conhecer engendra o desejo de viver no ser humano. Ao mesmo tempo em que a hospitalização é um acontecimento permeado por situações de medo e tristeza, que tem o potencial de paralisar o processo de construção de conhecimento (FONTES, 2004).

Uma adequada possibilidade de acolhimento dos medos, desejos, ansiedades, confusões e ambivalências, com adequado nível de informação, permitirá, portanto, a produção de conhecimentos sobre si e uma construção positiva a respeito da saúde, em que o corpo não se separe do pensamento. (CECCIM, 1997, p. 34).

A atuação do pedagogo em hospital deve ultrapassar a experiência escolar e atingir níveis diferenciados de educação.

Nesse sentido, educação é o conjunto das ações, processos, influências, estruturas, que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais. É uma prática social que atua na configuração da existência humana individual e grupal, para realizar nos sujeitos humanos as características de “ser humano”. (LIBÂNEO, 2000, p. 22).

Se há muitas práticas educativas, em muitos lugares e sob variadas modalidades, há, por conseqüência, várias pedagogias: a pedagogia familiar, a pedagogia sindical, a pedagogia dos meios de comunicação, etc.; e também a pedagogia escolar. (LIBÂNEO, 2000, p. 23-24).

O direito da pessoa à educação é resguardado pela política nacional de educação independentemente de gênero, etnia, idade ou classe social. Matos e Mugiatti (2007) mencionam que a Pedagogia Hospitalar se situa numa inter-relação entre os profissionais da equipe de saúde e da educação. Seu objetivo principal é desenvolver conhecimentos e habilidades conforme as especificidades de cada educando, considerando suas necessidades e seu processo escolar. A Pedagogia Hospitalar visa assegurar o direito de toda criança e adolescente à cidadania, o respeito e a igualdade, por meio da prática pedagógica em ambientes hospitalares.

Diante de todo o conteúdo apresentado podemos concluir a importância da Pedagogia Hospitalar para as crianças pois estão fragilizadas e precisando de atenção, pois estão fora do seu ambiente escolar, de suas casas, longe dos amigos e da família.

Uma modalidade da saúde pública que pode ajudar e muito as crianças que passam por uma fase complicada dentro de um hospital. O educador tem um papel fundamental dentro dos hospitais que é o de tentar devolver a auto estima para a criança ou adolescente em tratamento.

3 ATUAÇÃO DO PEDAGOGO NO AMBIENTE HOSPITALAR

Neste ponto do trabalho buscou apresentar como é o pedagogo dentro do hospital, como ele tem seu espaço, como deve ser humanizado e os desafios diários que são encontrados dentro dos hospitais diante a falta de condições especiais de trabalhos em alguns lugares.

3.1 O PEDAGOGO DENTRO DO HOSPITAL

Em diversos hospitais existem crianças e adolescentes internados por conta de algumas enfermidades, que muitas vezes, acabam por fazer perderem o ano letivo devido ao longo período de internação. Neste momento o pedagogo ganha espaço, tem papel fundamental dentro da educação, pois poderá acompanhar a criança ou adolescente no período de ausência escolar, assim, mantendo seu estudo independentemente da incapacidade de frequência em ambiente escolar habitual.

A Pedagogia Hospitalar possui uma perspectiva transdisciplinar que permite e respeita a diversidade das necessidades apresentadas pelo aluno / paciente, assim a área vem em constante crescimento, buscando oferecer uma condição emocional e humana independente do ambiente hospitalar, visando seu bem-estar em termos de saúde e educação, independentemente do ambiente escolar ou hospitalar.

[...] a necessidade de formular propostas e aprofundar conhecimento teóricos e metodológicos, visando em atingir o objetivo de dar continuidade aos processos de desenvolvimento psíquico e cognitivo das crianças e jovens hospitalizados (CECCIM, R. B. & FONSCECA, 1999, p.117).

O pedagogo no ambiente hospitalar utilizará obviamente práticas diferentes das utilizadas no ambiente escolar propriamente dito, visto às condições diversas de trabalho, assim, a utilização de atividades lúdicas e recreativas, como jogos, brincadeiras, histórias, desenho, pintura e claro, o prosseguimento ou iniciação dos estudos do paciente no ambiente

hospitalar, realizados de acordo com as condições físicas e de saúde do paciente / aluno, do ambiente físico do hospital, “desfrutar de alguma recreação, programas de educação para a saúde e acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência no hospital”. (CNDCA, 1995).

A Pedagogia Hospitalar busca modificar situações e atitudes junto ao enfermo, as quais não podem ser confundidas com o atendimento à sua enfermidade, deve-se entender que ao mesmo tempo, o individuo pode ser chamado de enfermo, este também pode ser chamado de aluno.

Esta nova prática pedagógica ameniza o sofrimento da criança internada no hospital, pois o paciente se envolve em atividades direcionadas por profissionais voltados a área da educação, assim, ele retorna mais confiante no seu regresso na sociedade, não ficará tão distante de sua turma, se já estava em processo de aprendizagem, ou não atrasa seu início, devido a impossibilidade de comparecer ao ambiente escolar.

A educação não deve se limitar a sala de aula convencional, a Pedagogia Hospitalar é prova disto, por ser um processo alternativo de educação, pois ultrapassa os métodos tradicionalmente utilizados, considerando apenas a possibilidade escola/aluno, buscando dentro da educação formas de apoiar o paciente no hospital, transformando aluno e paciente e hospital e escola.

É um atendimento que pode auxiliar no processo de recuperação do paciente, caracterizado como uma nova modalidade educacional, pois como dito alhures, não se deve limitar em aluno e escola bem como paciente e hospital, e assim, ampliar e reunir tais conceitos, visando à união de tratamento e educação.

Conforme Ceccim apud Ortiz e Freitas:

“(…) parece-me que, para a criança hospitalizada, o estudar emerge como um bem da criança sadia e um bem que ela pode resgatar para si mesma como um vetor de saúde no engendramento da vida, mesmo em fase do adoecimento e da hospitalização” (CECCIM APUD ORTIZ E FREITAS 2005, p.47).

No hospital a criança acaba por perder seu cotidiano escolar, rodeado por amigos, brincadeiras aprendizado, entrando em contato com integrantes do hospital enfermeiras, médicos além da família, por isso é fundamental a atenção do educador, em articular

atividades para a aceitação do paciente no hospital, considerando as condições adversas do momento e suas necessidades.

A classe hospitalar é primordial e ela consiste no atendimento pedagógico educacional em ambiente de tratamento de saúde, em circunstância de internação. É compreendida como modalidade de ação da educação especial por atender crianças ou adolescentes com necessidades educativas especiais por apresentarem dificuldades de acompanhamento curriculares por condições delimitações específicas de saúde (BRASIL, 2002, p.37).

Não há como no trabalho em questão, não falar na questão de inclusão. Assim, dentre os assuntos relacionados à inclusão, seja ela da espécie que for, pode-se considerar a Pedagogia Hospitalar como área do conhecimento, levando em consideração seu crescimento atual.

O acompanhamento na escola hospitalar mesmo que seja por um curto período tem um caráter significativo para a criança hospitalizada dando a esta a oportunidade de atualizar suas necessidades escolares, permitindo a esta desvincular-se de suas restrições momentâneas possibilitando a apropriação de conceitos tanto pessoal quanto escolar (FONSECA, 2003, p.9).

Com interesse principal na área educacional, a Pedagogia vem possibilitando expandir a atuação dos profissionais da área, assim, não se limitando a salas de aula convencionais, podendo atuar em locais diversos inclusive nos hospitais, onde os pedagogos estão exercendo um papel fundamental no contexto da educação.

A classe hospitalar que consiste no espaço físico que se realiza o atendimento à criança hospitalizada. Torna-se a “escola” durante a permanência dos mesmos, contribuindo para o seu retorno à escola de origem.

A Classe Hospitalar surge como uma modalidade de educação especial, prestados a crianças e adolescentes afastados da rotina escolar. O Conselho Nacional de Educação sugere a denominação ‘Classe Hospitalar’ para o atendimento educacional especializado a alunos impossibilitados de frequentar as aulas em razão de tratamento de saúde que implique internação hospitalar, atendimento hospitalar prolongado ou permanência em domicílio, impedindo a interrupção do processo de aprendizagem da criança, para que futuramente esta possa ser reintegrada a sala de aula (CNE, 2001, p. 39-40).

A brinquedoteca em que consiste no espaço físico que possibilita o desenvolvimento de novas competências, socializando o brincar, resgatando brincadeiras tradicionais, assegurando à criança o seu direito de brincar.

A recreação hospitalar, em que através do brincar, o contato com brinquedos possibilita a prática de atividades lúdicas, contribuindo com o desenvolvimento psíquico, emocional e cognitivo da criança/adolescente hospitalizado. Portanto, devido a importância da recreação, o pedagogo deve ter a visibilidade, contribuindo para que a criança e adolescente hospitalizado e acamado participe dentro de suas possibilidades desta modalidade.

3.2 A HUMANIZAÇÃO DO PEDAGOGO HOSPITALAR

Para que se entenda melhor a questão da humanização, conceitua-se humanizar no dicionário Aurélio como: “1. dar condição humana a; humanar. 2. Civilizar.P. 3. Tornar-se humano; humanar-se.”

Para Oliveira (apud, MATOS, 2009, p. 85), humanizar caracteriza-se em:

[...] colocar a cabeça e o coração na tarefa a ser desenvolvida, entregar-se de maneira sincera e leal ao outro e saber ouvir com ciência e paciência as palavras e os silêncios. O relacionamento e o contato direto fazem crescer, e é neste momento de troca que humanizo, porque assim posso me reconhecer e me identificar como agente, como ser humano.

É necessário a humanização do pedagogo pois o profissional deve respeitar a condição dos pacientes que ali se encontram e também de seus familiares que estão envolvidos no tratamento. Eles devem dar conforto, e ser solidários pois proporcionam uma melhora no ambiente.

De acordo com Assis:

[...] a qualidade de vida – o bem-estar, o estar bem – implica condições físicas, psicológicas e sociais que favoreçam a pessoa a desfrutar uma vida equilibrada, isto é, a possibilidade de realização pessoal, profissional e afetiva. [...] resgatando a importância dos aspectos humanos, das competências relacionais, além dos cuidados técnico-científicos, e concretizando um trabalho que cuida, respeita e valoriza a vida humana; um trabalho mais humanizado. (2009, p.81-82)

Embora o cotidiano do hospital submetta, constantemente, os profissionais a situações críticas e indesejáveis, como as longas jornadas de trabalho, a falta de leitos, a escassez de recursos materiais e humanos, provocadores de dilemas éticos, é sempre possível a inter-relação, demonstrar a solidariedade orgânica e mecânica. Essa convivência propicia viver o aconchego das coisas simples, mesmo diante das tensões e riscos dos momentos mutantes, muitas vezes imprevisíveis e plenos de significados. Todavia, deve-se “enraizar valores e atitudes de respeito à vida humana, indispensáveis à consolidação e à sustentação de uma nova cultura de atendimento à saúde” (CALEGARI, 2009, p. 87).

A humanização do pedagogo é a busca de que compreenda que ali além de professor ele também é um profissional da saúde e deve aprender a lidar com os dias difíceis dentro dos hospitais.

De acordo com o Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar – PNHAH (2002), humanizar é:

[...] garantir à palavra a sua dignidade ética. Ou seja, para que o sofrimento humano e as percepções de dor ou de prazer sejam reconhecidas pelo outro. É preciso ainda, que esse sujeito ouça do outro palavras do seu reconhecimento. [...] é pela linguagem que fazemos as descobertas de meios pessoais de comunicação com o outro. Sem isso, nos desumanizamos reciprocamente. Em resumo: sem comunicação não há humanização. A humanização depende da nossa capacidade de falar e de ouvir, depende do diálogo com nossos semelhantes (PNHAH 2002, pag 15).

Vários programas foram e estão sendo desenvolvidos no intuito de otimizar esta relação além da abordagem de outros aspectos como a associação do local com perdas e morte, medo de dor, ansiedade, perda da privacidade e do sentido temporal (dia/noite), estado de semiconsciência, etc.

Já existem vários programas de humanização nos hospitais, como os palhaços, as brinquedotecas o parto humanizado, os voluntários que vão apenas para contar histórias aos enfermos.

Sobre a presença dos palhaços no ambiente hospitalar, Achar (apud, MATOS, 2009,p. 138-139), afirma que:

Independente da condição física da criança/adolescente hospitalizado, o palhaço chama a atenção daquilo que ainda está saudável no indivíduo doente pois consegue resgatar sentimentos esquecidos ou apagados pela dor da solidão, pela distância de coisas que lhe são familiares, pela privação de objetos íntimos, pela falta de contato com o mundo exterior ao hospital e, mais do que tudo, pela impotência que sente o indivíduo perante a doença. O palhaço também trabalha a esperança dos pais, enfermeiros, médicos e demais envolvidos com os enfermos.

O Pedagogo Hospitalar vai sempre se deparar com sistemas de humanização dentro dos hospitais o que os ajuda bastante se conseguiram sem envolver em tais projetos, muitos hospitais tem a visita dos palhaços da alegria e também contam com brinquedotecas que pode ser um recurso também para o aprendizado do doente.

Sobre as brinquedotecas hospitalares Paula (apud, MATOS, 2009, p. 142), afirma que o seu sentido vai muito além de diversão e que “o brincar no ambiente hospitalar vem como um coadjuvante terapêutico ao alívio do estresse associado à internação. [...] na brinquedoteca, as crianças têm a referência do seu espaço para recreação, lazer e o lúdico”.

Para o Pedagogo Hospitalar é fundamental que ele esteja numa constante busca da humanização para se adequar sempre mais e tornar um pouco mais leve sua passagem dentro de um ambiente tão fragilizado.

3.3 DESAFIOS DA PEDAGOGIA HOSPITALAR

O tratamento da doença é quem determina o tempo da criança/adolescente no hospital, e a distância da escola regular, a Pedagogia em ambiente hospitalar veio para suprir as necessidades desta criança e adolescente hospitalizado, e a modalidade como assim é reconhecida se vê todos os dias diante a uma batalha quando se fala principalmente de saúde x doença.

Nesta ótica Matos e Mugiatti afirmam que:

Se a doença, portanto, se mostra multifatorial, não é justo que se realize um atendimento meramente físico, assim atentando apenas para o mais evidente, perturbador e residual, descartando os demais aspectos, igualmente importantes, que contribuíram para sua instalação e, seguramente contribuirão para sua recidiva, se não forem devidamente solucionados. (MATOS E MUGIATTI 2007, p. 20)

Matos e Mugiatti, sobre as atitudes inovadoras afirmam que:

Inovar, abrir caminhos nunca foi tarefa das mais fáceis. A grande dificuldade daquele que ousa buscar o novo não está nos percalços do devir, mas no forte enraizamento das resistências do vigente que, de repente, vê seus valores se esvaecerem diante de outros mais abrangentes. (2007, p 23)

O desafio maior do Pedagogo Hospitalar é ter um local apropriado dentro do hospital para exercer suas atividades. Pois o aluno que não pode estar numa sala de aula regular deve ter um local apropriado para o seu atendimento.

A necessária organização da Classe Hospitalar é exigida e garantida pelo documento Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar: estratégias e orientações (BRASIL, 2002).

Os ambientes serão projetados com o propósito de favorecer o desenvolvimento e a construção dos conhecimentos para as crianças, jovens e adultos, no âmbito da educação básica, respeitando suas capacidades e necessidades educacionais especiais individuais. Uma sala para desenvolvimento das atividades pedagógicas com mobiliário adequado e uma bancada com pia são exigências mínimas. Instalações sanitária próprias, completas, suficientes e adaptadas são altamente recomendáveis e o espaço ao ar livre adequado para atividades físicas e ludo-pedagógicas. Além de um espaço próprio para a classe hospitalar, o atendimento propriamente dito poderá desenvolver-se na enfermaria, no leito ou no quarto de isolamento, uma vez que restrições impostas ao educando por sua condição clínica ou de tratamento que assim requeiram. O atendimento pedagógico poderá também ser solicitado pelo ambulatório do hospital onde poderá ser organizada uma sala específica da classe hospitalar ou utilizar-se os espaços para atendimento educacional. (p.15-16)

O que se pode observar é que o pedagogo que escolhe a Pedagogia Hospitalar deve estar preparado para enfrentar muitos desafios, como se adaptar ao ambiente hospitalar, trabalhar dentro do processo de humanização e o desafio diário e constante de ter um local apropriado para o atendimento dos seus alunos.

CONSIDERAÇÕES

A atuação do Pedagogo Hospitalar é uma prática sem muito reconhecimento em nossa sociedade, mesmo sendo de importância para o desenvolvimento infantil.

Por meio deste estudo podemos averiguar de maneira prática e teórica a relevância das classes hospitalares e a sua contribuição para a educação como elemento de continuidade e até mesmo em muitos casos de início da escolarização para crianças e adolescentes.

É exigido do Pedagogo Hospitalar um olhar diferenciado quanto às especificidades de cada educando atendido. Para isso torna-se necessário uma flexibilidade no currículo para que este possa respeitar as condições a que a criança/adolescente se encontra.

Na discussão sobre sua formação nesta pesquisa, verificamos o quanto é essencial o profissional nos espaços hospitalares, que há uma especificidade deste considerando o espaço de atuação, e variedade de profissionais com os quais mantém relacionamento exigindo desse profissional uma total flexibilidade de trabalho e respeito aos limites de cada área.

Podemos observar que ainda existe uma janela a ser preenchida quando se refere ao currículo no contexto hospitalar, cabendo ao pedagogo uma visão integral do meio a que o discente está entreposto.

A prática do educador no ambiente hospitalar vem coadjuvar expressivamente na superação dos desafios impostos à criança e adolescente hospitalizado que são acometidos por doenças que, por muitas vezes, os distanciam de seu ambiente escolar e principalmente familiar.

O Pedagogo Hospitalar tem o objetivo de somar, junto com a família e com toda a equipe de saúde para a recuperação física, emocional, psíquica, social, destes alunos. Auxiliando ao educando no autoconhecimento de sua patologia, como também por muitas vezes o lidar com a possibilidade da morte.

Desta forma, viabilizando a humanização e a integração da saúde e a educação, fundamentados no sonho, na educação, principalmente no amor e na formação específica dos profissionais que atuam nesta área.

Por fim, devido à importância do Pedagogo Hospitalar na reintegração da criança e adolescente hospitalizado no meio escolar e social, ressaltamos a necessidade no aprofundamento de discussões e pesquisas que envolvam esta temática, a fim que se possa divulgar esta modalidade de ensino tão indispensável às nossas crianças/adolescentes.

REFERÊNCIAS

- BARROS; S. Alessandra Santana. Contribuições da educação profissional em saúde à formação para o trabalho em classes hospitalares. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 27,n. 73,p. 257-278, Dec. 2007. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ccedes/v27n73/02.pdf>. Acesso em: <08 out 2017>.
- BATISTA, C.V.M. A criança enferma e o jogo simbólico. Estudo de caso. **Tese** (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2003.
- BIBIANO, B. **Ensino nas horas difíceis**: Lecionar para estudantes internados exige preparo psicológico para lidar com as famílias, os médicos, as escolas... e a morte. Nova Escola. Edição 220. Março 2009.
- BRASIL. Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar**:estratégias e orientações. Disponível em: <http://.mec.gov.br/sessp/pdf/livro09.pdf>. Acesso em: 14 out.2017.
- BRASIL. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**.Resolução CNE/CBE n.º 2 de 11/09/01. Disponível em: Acesso em 14 out.2017.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n.º 9394/96 de 20/12/1996. Disponível em: Acesso em 23 set. 2017.
- CECCIM, R. B., FONSECA, E. S. Classe hospitalar: buscando padrões referenciais de atendimento pedagógico-educacional a criança e ao adolescente hospitalizados. **Revista Integração**, MEC/SEESP, ano 9, nº 21,p. 31-39, 1999.
- CECCIM, R. B.; CARVALHO, P. R. A. (orgs). **Criança Hospitalizada**: atenção integral como escuta à vida, Porto Alegre: UFRGS, 1997.
- CECCIM, R. Burg. Classe Hospitalar: encontros da educação e da saúde no ambiente hospitalar. **Revista Pátio**, p. 41 -44 n.º 10 ago/out1999.
- FARIA,M.B. A Escuta pedagógica e a criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital. Vol - 3 p. 41- 46 ISSN 1984-431 X .
- FERREIRA, M. C; MOURA, I. C. S. A influência do atendimento da classe hospitalar na redução do estresse da criança hospitalizada. São Carlos: **Congresso Brasileiro de Educação Especial**, 3. 2008.
- FONSECA, E.S..da. **Atendimento escolar no ambiente hospitalar**. São Paulo: ed. Memnon, 2003.
- FONTANA, M. I; SALAMUNES, N. L. C. Atendimento ao escolar hospitalizado – Smec. In MATOS, Elizete Lúcia Moreira. (Org). **Escolarização Hospitalar Educação e saúde de mãos dadas para humanizar**. Petrópolis – RJ: Vozes, p.52 a 60, 2009.
- FONTES,R.S. A Reinvenção da Escola a partir de uma experiência instituinte em Hospital. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.2, p.271-282, maio/ago.2004.

- GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- GUIRALDELLI, P. J.. **O que é Pedagogia**. 6ª edição. São Paulo: Ed. Braziliense, 1991.
- LIBÂNEO, J.C. **Pedagogia e Pedagogos para Quê?** 4ª edição. São Paulo, Cortez, 2001.
- LIMA, NT., FONSECA, CMO. SANTOS, PRE., orgs. **Uma escola para a saúde** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. 268 p. ISBN 85-7541-047-4.
- MATOS, E.L.M., MUGIATTI, M. M. T. de F. **Pedagogia Hospitalar: a humanização integrando educação e saúde**. Petrópolis RJ: Ed. Vozes, 2006.
- MINAYO, M.C. de S. **O desafio do conhecimento**. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.
- Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial**. Brasília, MEC/SEESP, 1994.
- OLIVEIRA, M. de F.F. dos S. Um olhar integrado em ambiente hospitalar. **In** MATOS, E. L. M.; TORRES, P. L. Teoria e Prática na Pedagogia Hospitalar: novos cenários, novos desafios. Curitiba: **Champagnat**, p.229 a 236, 2010.
- ORTIZ, C. M.(org.). **Classe hospitalar**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Hospital Universitário de Santa Maria, 5v, 2008.
- PIMENTA, Selma Garrido. (Org.). **Pedagogia Ciência da Educação?** São Paulo: Cortez, 1996.
- PNHAH-Programa Nacional de Humanização Hospitalar. Disponível em: <<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnhah01.pdf>> Acesso em: <20 de out de 2017>.
- RODRIGUES, A.J. Contexto de aprendizagem integração/inclusão de alunos com necessidades educativas Especiais. **In**: RIBEIRO, Maria Luisa Sprovieri; BAUMEL, Roseli Cecília Rocha de Carvalho; CASTRO, Adriano Monteiro de. **Educação especial: do querer ao fazer**. São Paulo: Avercamp, 2003. P.13-25.
- SCHILKE, Ana Lucia T. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS EM ESPAÇO HOSPITALAR. Dissertação (**Mestrado em Educação**). Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2008.
- SILVA,C.C. R. Percepções da criança acerca do cuidado recebido durante a hospitalização. **R. Bras. Enferm.** Bras., Brasília, v. 53, n.2, p. 311-323, abr/jun. 2000.